

O RIO DE JANEIRO E O CORPO DO HOMEM FLUMINENSE: O “NÃO-LUGAR” DA GINÁSTICA SUECA

Dr^a. ANDREA MORENO

Professora Adjunta do Departamento de Educação Física – Universidade Federal de Viçosa
E-mail: amoreno@ufv.br

RESUMO

O presente estudo parte do pressuposto de que a ginástica sueca não foi hegemônica no cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista. Tratou-se, então, de buscar os motivos que levaram o corpo do homem fluminense a rejeitar essa prática corporal, tornando o Rio de Janeiro o não-lugar da ginástica. Ao olhar para o corpo do homem fluminense encontrou-se ali uma “alma” incompatível com os preceitos de uma ginástica racional, que idealizava e esquadri-nhava os corpos. Para melhor enxergar essa rejeição, dialogou-se com a capoeira, prática disseminada e adorada pelo homem comum. Buscou-se, nesse diálogo, elementos para compreender a gramática corporal do corpo masculino fluminense, permitindo entender, no plano do sensível, por que a ginástica sueca não fluiu nesse corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; ginástica; Rio de Janeiro.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja' (Bakhtin [Voloshinov], 1997).

A GINÁSTICA SUECA: DE ESTOCOLMO AO BRASIL

Em 1805, Per-Henrick-Ling (1776-1839), sueco, professor de esgrima, encontrava-se com uma paralisia no braço direito e com predisposições para a tuberculose. Tentando combater esse mal, resolve fortalecer seus pulmões por intermédio de movimentos de braços, conjugados com inspirações profundas. Começa a nascer assim a ginástica sueca, pensada como um método – racional e prático – para o desenvolvimento e robustecimento dos diversos órgãos do corpo humano. Baseado nas ciências naturais, alastra-se pelo país como solução para a regeneração do povo escandinavo.

Fundamentando-se em múltiplos conhecimentos: na biologia humana, nas ciências naturais, morais e sociais e na pedagogia, ele pretendia que o método fosse mais do que uma receita para viver bem no plano meramente biológico. O que o método sueco se tornou o aproximava de uma doutrina, ortodoxa e rígida², atuando na *atenção* e na *vontade*, interferindo no comportamento moral e social do indivíduo.

Em 1813, Ling funda o Instituto Central e Real de Ginástica, em Estocolmo, tomando a idéia da ginástica racional conhecida. Ali, o novo sistema ginástico ia se desenvolvendo por meio de um profundo estudo de forma, propriedade e influência funcional dos movimentos ginásticos. Pouco a pouco vai ganhando repercussão em vários países, inclusive no Brasil.

O discurso de Rui Barbosa talvez tenha sido o que mais repercutiu sobre a importância do método sueco de ginástica. No famoso parecer intitulado *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*³, Rui Barbosa sugere a inclusão da ginástica sueca nas escolas, em virtude de suas características pedagógicas.

1. O pensamento de Bakhtin me ajuda a pensar a linguagem corporal e as diferentes práticas corporais, ainda que não verbais, como possibilidades de expressão e, portanto, como possibilidade de constituir um diálogo. É preciso lembrar que, para que haja diálogo, é preciso que haja compreensão do que se fala, sem isso não há troca, há monólogo, ou imposição de uma linguagem.
2. Esse fato faz com que muitos continuadores do método sueco trabalhassem no sentido de superar tanta rigidez. Ver Langlade; Langlade (1986).
3. Rui Barbosa, *Obras completas*, v. 10, t. 2, 1946. Esse documento era um parecer referente à Reforma Leôncio de Carvalho (decreto n. 7.247 de 19 de abril de 1879).

É a partir da defesa que faz esse político brasileiro, que o discurso sobre a ginástica sueca ganha visibilidade. Rui Barbosa era defensor do método de Ling também porque nele estavam inseridos a formação moral, higiênica e disciplinadora, além de ser uma prática científica, já que era constituída de pesquisas nas áreas de fisiologia, anatomia e biologia. O papel da ginástica tocava em quatro importantíssimos pontos sociais: o higiênico, o moral, o estético e o econômico. Respeitados como leis, esses pontos deviam estar em equilíbrio numa sessão de ginástica, pois favoreceriam a harmonia do corpo humano.

Além de Rui Barbosa, Fernando de Azevedo (1960) faz referência ao método sueco como “o melhor sob o ponto de vista pedagógico”. No entanto, apesar de amplamente defendido por intelectuais desse porte, o método sueco nunca logrou realmente na instituição escolar, nem tampouco fora dela, legitimidade⁴.

A rede escolar pública naquele tempo tinha um quadro bastante caótico. Primeiro, o número de escolas era reduzido, mesmo nas poucas cidades estruturadas. Os pobres, que eram parte significativa da população fluminense, simplesmente não estudavam. Basta para isso observar o enorme contingente de analfabetos na cidade do Rio de Janeiro.

As poucas escolas existentes tratavam no máximo do básico, que era aprender a “ler, escrever e contar”. Não era possível pensar uma escola que abarcasse o discurso pedagógico da ginástica, até porque o acesso ao conhecimento produzido nas diversas áreas era bastante limitado e tampouco havia formação adequada de professores para ensinar com competência essa prática assim como Ling a pensara.

Vale lembrar que Ling desenvolveu um método extremamente detalhado. Em seu livro *Princípios gerais de ginástica*, havia dividido sua ginástica em quatro dimensões: médica, pedagógica, militar e estética. Alertava que era necessário baseá-las no “perfeito conhecimento anatômico e fisiológico do corpo humano, bem como nas leis do movimento” (Ling apud Coelho, 1907). Nesse livro, estuda meticulosamente regras, princípios e leis que pudessem explicar e orientar o movimento humano e, por conseguinte, a ginástica. Meticulosamente estudado, pensado e avaliado, o método sueco de ginástica primava por seus detalhes – e de tão racional e pormenorizado recebia a crítica de ser extremamente monótono. Nota-se que, mesmo nos jogos ginásticos, considerados como complemento à ginástica propriamente dita, Ling recomendava uma “alegria cautelosa”, afinal “toda a emulação que se provoque em ginastas é prejudicial” (Coelho, 1907). A finalidade da ginástica

4. Desenvolvo esse ponto mais detalhadamente no capítulo intitulado Estopim 2, de minha tese de doutorado ver Moreno (2001).

sueca seria assim, além de desenvolver a saúde, transformar o corpo humano num instrumento dócil e corajoso, sempre à disposição da vontade moral.

Não é difícil imaginar por que homens como Rui Barbosa admiravam essa modalidade e a desejavam ver disseminada no cotidiano da vida fluminense.

A GINÁSTICA SEM LUGAR

Para buscar uma “possível história” da não legitimidade dessa ginástica, no Rio de Janeiro, fora da escola, foi necessário ir para a rua, olhar o cotidiano, as festas e também outras práticas corporais. Registros do homem comum que escapam no tempo, diluem-se, não deixam rastros.

Acredito que a rejeição do povo fluminense a essa prática não foi “política”, no sentido de uma rejeição ao que vinha do poder. Pois, sabendo que o homem comum, principalmente os negros e marginais, era simpático à monarquia, poderíamos, numa análise apressada, ligar esse fato à rejeição das propostas republicanas. Constituir o homem forte era uma idéia típica da República, que precisava dos defensores da Pátria. Entretanto, o povo no Rio de Janeiro era muito alheio às questões políticas – ou melhor, tratava-as de um jeito muito “próprio”.

Nesse sentido, essa rejeição era mais sensível no plano das atividades corporais: o corpo do homem comum daquela cidade não dava lugar a essa prática. O corpo do homem fluminense era o *não-lugar* da ginástica⁵. O que equivale a dizer, metaforicamente, que a ginástica, como prática corporal, não encontrou no corpo do homem fluminense espaço para alojar-se. Permissão não dada porque nada havia nessa prática que pudesse impactar esse corpo, algo que pudesse gerar um mínimo de identidade.

Na vida cotidiana do homem comum, no Rio de Janeiro, encontrava-se uma “alma”⁶ incompatível com os preceitos de uma ginástica que idealizava e esquadrihava os corpos, submetendo-os a uma prática que de tão racional, tão científica, tornara-se monótona. Uma ginástica que, embebida pela tristeza, não falava ao corpo do homem fluminense – acostumado à alegria das danças, da roda de capoeira, das festas etc. Um povo que tinha, enfim, a alegria como motor de sua história e, portanto, também de suas práticas corporais.

5. Ver sobre o tema “lugar” a obra de Otilia Arantes (s/d.) na qual a autora trata da distinção entre espaço e lugar. Lugar é o espaço dotado de sentido, carregado de cultura. Refiro-me a não-lugar na medida em que entendo que o corpo já nasce cultural.

6. Ver texto de minha autoria sobre a alma fluminense: *Terpsícore, da carne e da alma fluminense* (2001).

Para chegar a essas compreensões foi preciso analisar os pressupostos e lições de aula do método sueco, buscando ali motivos que pudessem justificar a sua ausência no cotidiano da vida fluminense. Foi preciso também analisar hábitos e costumes dessa vida, procurando captar um pouco dos sentimentos do corpo do homem daquela cidade que pudessem contribuir para a rejeição dessa ginástica. Foi preciso ver, enfim, as práticas corporais realizadas pelo homem comum no Rio de Janeiro, como a capoeira, tentando entender por que essas, afinal, fluíram.

Como nos lembram os estudos antropológicos sobre o corpo, as técnicas corporais – e aqui me refiro às práticas corporais – são marcas da cultura, são simbólicas. Traduzem o modo como homens e mulheres cuidam e se servem (ou não) de seus corpos. Traduzem uma visão de mundo de quem as pratica. Podemos vê-las como documentos históricos, testemunhas de um espaço-tempo, assim como o corpo pode ser visto como um arquivo, depositário de valores, crenças, histórias...

Assim é que, observando a ginástica sueca, encontro nela uma prática da “não-inversão”. Chego a esse termo inspirada “às avessas” na roda de capoeira, prática costumeira do homem fluminense, cuja principal característica é virar o mundo “de pernas para o ar”.

Como quem precisa de óculos, para melhor enxergar a prática que estava sendo rejeitada, precisei dialogar com uma prática que não só era disseminada, como adorada pelo homem comum. E cada vez que mergulhava o olhar, os ouvidos e o olfato nessas duas práticas, mais enxergava nelas diferenças que me permitiam quase considerá-las como antagônicas.

Diferenças que estavam nos movimentos e na disposição espacial em que eram praticadas. Como não lembrar das “colunas por 4” em que a ginástica era praticada, e a roda de capoeira? Como, a partir dessa diferença de disposição espacial, não pensar no que vê um ginasta (as costas de seu companheiro) e no que vê um capoeirista (os olhos do seu companheiro)?

Como não pensar nos movimentos idênticos de um grupo de ginastas – que os tornam quase como espelhos um do outro –, em contraponto aos movimentos do lutador de capoeira, que precisam ser diferentes para “encaixar-se”, são um metade do outro e sendo diferentes tornam-se um só corpo?

Metaforicamente, uma sessão de ginástica é um monólogo corporal, enquanto um jogo de capoeira seria um diálogo. Diálogo porque não interrompe o movimento do outro, mas preenche. Poderíamos dizer que nesse jogo jogam três: os dois capoeiristas e o espaço vazio. É aproveitando o espaço que um lutador deixa que o outro construa o seu movimento, plasmando-se como um líquido.

Assim como os movimentos são mais do que gestos mecânicos, a roda (o círculo) e as colunas (a reta) são mais do que disposições espaciais: são formas de

enxergar o mundo. Como se configurassem o mundo do capoeirista e o mundo do ginasta.

Além disso, e sobretudo, estabelecem uma diferença de “disposição corporal”, de sentimento com o qual praticam essas atividades, diferença na perspectiva de quem joga capoeira e de quem faz ginástica, diferença no cheiro que exalam, diferença nos sons que emitem, diferença, enfim, de mundo...

Diferença que também é da moral que defendem: a ginástica é a virtude cívica, carrega a moral do bom cidadão. Por isso é que toda e qualquer educação física, dizia Ling, deve ser *rigorosa e precisa*, já que sua ação se dá no sistema nervoso e no cérebro. É a cientificidade do método que garante o afastamento dos perigos e de resultados indesejados.

Na ginástica lingiana – na maneira de executar os exercícios – deve-se sempre atender a dois fins principais: o da energia moral e o da energia física, simultaneamente. O primeiro pela *atenção e vontade* (Coelho, 1907, p. 41-42)⁷, e o segundo pela mecânica de execução.

A ginástica, pois, era pedagógica: educava o indivíduo. Educar moralmente um indivíduo significava educar seu caráter, seu modo de ser. O método sueco era exemplar: atuando na atenção, na vontade e no esforço, podia ter ação direta no desenvolvimento do caráter do indivíduo.

Dessa forma, acreditava-se que, se pelo estudo da moral o indivíduo adquiria o conhecimento de seus deveres sociais, pela educação física adquiria força, energia moral, para cumprir aqueles deveres, sem desânimo nem fraqueza. A racionalidade do método de Ling ocupava-se exatamente disso:

A independência dos movimentos, adquirida pela prática dos processos do método de Ling, corresponde à desassociação dos diversos feixes musculares, e a esta, uma série de centros neuro-motores, medulares, nitidamente escalonados e diretamente ligados aos respectivos centros psico-motores devidamente individualizados. Isto é, cada movimento, torna-se um pensamento expresso pelo corpo, uma manifestação consciente da Vontade (Coelho, 1907, p. 41-42).

Já o jogo de capoeira representa o vício. Carrega a moral do mau cidadão, do canalha, do bilontra, vícios necessários à sobrevivência do homem comum. Vício traduzido na mandinga, que nada mais é, no jogo, que a dissimulação.

Mau e bom, virtude e vício constituem aqui não um julgamento de valor: ser um bom ginasta e um bom capoeirista carregam valores distintos. Ser virtuoso em

7. Consultar também sobre esse tema: Marcel Labbé (1930) Pereira (s/d).

cada uma dessas práticas não significa o ser sobre a visão de quem as olha, nem tampouco na prática em si. O que se está vendo não são atividades boas ou ruins, mas práticas revestidas de valores diferentes, imersas em universos distintos. Se fosse possível inaugurar um outro entendimento para a palavra oposição (que não aquele que coloca em pólos opostos o sentido das coisas), e se fosse igualmente possível para cada atividade física encontrar o seu “negativo”, cá estariam duas atividades representando uma o avesso da outra.

Avesso não por ser boa ou má sob uma determinada perspectiva, mas por que valorizam, cada uma, o seu oposto. O baixo e o alto, o olhar fixo e fulminante e o olhar no horizonte, o círculo e a reta, a gíngua e a retidão, o fixo e o nômade, a previsibilidade e a imprevisibilidade, a simulação e a dissimulação, a coreografia espontânea e a coreografia ensaiada, o mundo de “pés no chão” e o mundo “de pernas para o ar”. Duas atividades que são gramaticalmente diferentes, gerando portanto, diferentes sintaxes corporais.

Na capoeira, mais do que a força física, o mais importante é a malícia, a mandinga. A malícia é uma arma do jogo na qual o corpo não está só, mas é todo olhar, vísceras e idéias. Malícia para surpreender o adversário, que permite expô-lo ao ridículo, tirar-lhe a honra, que mais do que danos físicos, causa danos morais. Olhar que, fulminante, descobre no outro sua fragilidade: adivinha-lhe pensamento e movimento. Mandinga que é mágica, uma vez que estimula o desejo de querer adivinhar. O corpo de quem joga é dotado de magia, o que torna possível improvisar. Mágica que o torna imprevisível.

A ginástica localiza-se no real. É no trabalho físico que se concentra a atenção da ginástica, acreditando-se que a formação do caráter pode ser resultado de um trabalho físico, orientado pela atenção e pela vontade, dotando o indivíduo de um poder consciente e absoluto sobre ele mesmo e sobre seus atos. Racionalizando o movimento e conseqüentemente o modo de ser e agir em sociedade, ficam os indivíduos afastados dos maus comportamentos, advindos da imaginação, da fantasia, dos sonhos estéreis, tornando-se o homem um ser prático e utilitário.

Por isso, também, a valorização excessiva da execução perfeita. Ling acreditava que os defeitos eram como pragas e que, não corrigidos desde o início, jamais desapareceriam, tendo ainda o efeito de acumular-se em outras execuções. Por isso dizia que cada movimento deve ir se tornando rigorosamente individual, cabendo ao instrutor observar sempre as posições iniciais, a correta execução e a volta à posição. Para a capoeira, o erro é relativo: não há modelo de execução de um ou outro movimento. Ao contrário, diferenças davam ao movimento um “estilo pessoal”, próprio de quem o torna diferente. Mas o erro precisava estar presente na roda, uma vez que era por ele que um ou outro poderia sair vencedor.

Tornando-se esteticamente belo, pela prática da ginástica, e seguindo-se os preceitos higiênicos, era possível alcançar o desenvolvimento harmônico de todas as partes do corpo e, conseqüentemente, uma atitude correta, elegante fisicamente e uma “bela” postura de vida. Por esse motivo, a ginástica sueca vai preocupar-se tanto com as questões relativas à higiene: do vestuário, passando pelo ambiente e pela respiração, à higiene pessoal, tudo era pensado pelo Instituto de Estocolmo, visando afastar vícios e paixões – as quais, diga-se, assolam o homem comum no Rio de Janeiro, que amava o jogo e tudo o que ele envolvia, amava os quiosques e o prazer que eles dispensavam.

Mergulhado na magia, o movimento do capoeira chega ao paradoxal. Ele fica na “defensiva”, joga o jogo do outro, finge, pois só assim pode surpreender o adversário. O que o capoeirista faz é enganar o outro, que aparentemente tem poder – mas não absoluto, posto que é justamente nas lacunas que o poder promove, que ele pode derrotá-lo. É, nesse sentido, um oportunista. Já a ginástica é uma prática da revelação, os movimentos são previsíveis. Previsíveis porque meticulosamente planejados.

Imprevisível, a capoeira é, ainda, o som que emite. Da roda emanam linguagens não-verbais e verbais. O capoeira gesticula, emite sons, provoca o outro... O movimento é também da garganta, das cordas vocais; porque o jogo não acontece sem o achincalhamento, a gargalhada, o riso do outro, o riso de si mesmo. E é ainda o som das palmas, dos atabaques, dos berimbau que fazem do jogo uma dança. Som que contrasta com o silêncio de uma sessão de ginástica, em que a única coisa a quebrá-lo é a voz de quem comanda, a voz do instrutor, da qual brotam números: 1, 2, 3, 4... Silêncio como um acordo tácito entre quem coordena e quem executa.

Por isso, Ling dava especial atenção à formação dos instrutores, pois segundo ele, o aperfeiçoamento do organismo de forma efetiva dependia diretamente do desenvolvimento intelectual do professor.

Assim como a ginástica sueca prepara o cidadão, o atleta, o militar e tantos outros, a capoeira prepara o homem que joga, luta, dança, canta e toca instrumentos. No fundo, as duas atividades preparam para o trabalho – uma prepara trabalhando, outra prepara jogando. Falando de trabalho, a capoeira, paradoxalmente, está dizendo que seu jogo é vadiação, coloca seu corpo “de pernas para o ar” (não à toa, expressão que indica estar sem fazer nada), ocupa as mãos com algo que não seja o trabalho manual.

Ao contrário da capoeira, os valores do trabalho estão presentes movimentos ginásticos até mesmo em sua nomenclatura e divisões. Para Ling, estes dividiam-se em exercícios de ordem, movimentos de ginástica propriamente ditos e jogos ao ar livre.

Os primeiros – não à toa chamados “de ordem” – não se caracterizavam por ser exercícios ginásticos propriamente, mas tinham como função educar a atenção e acostumar os alunos à disciplina dos exercícios militares. Era importante prestar atenção na rapidez e na energia com que deveriam ser executados, conservando sempre uma devida tensão muscular. Quanto aos movimentos ginásticos, obedeciam aos princípios de anatomia e fisiologia e tinham por finalidade o desenvolvimento harmônico do corpo. E finalmente os jogos ao ar livre, não à toa realizados no fim da aula, quase como um prêmio ao bom trabalho.

Mas trabalho e jogo não são um mero trocadilho de palavras. Trabalho e jogo carregam valores distintos, quase opostos. Ser uma luta e ao mesmo tempo ser dança e jogo traz à capoeira algo de ambivalente, que é seu jogo de oposições: a todo momento troca-se o alto pelo baixo, a frente pelo traseiro. Como nos ensina Bakhtin (1993) essa orientação para o chão, para a terra, para o baixo, é própria de todas as formas de alegria popular.

Inversão metafórica que simbolicamente é uma inversão do mundo, da sociedade, da hierarquia corporal – troca-se a cabeça pelos pés, o cérebro pelos órgãos sexuais, a boca pelo ânus, o que está na frente, pelo que está atrás, o limpo pelo sujo. O jogo de capoeira pode ser lido como uma inversão na hierarquia corporal privilegiada: os quadris e os pés são mais importantes do que as mãos, a cabeça e o tronco. Contrasta, portanto, com o mundo de pés no chão da ginástica, cujos movimentos privilegiam a hierarquia corporal dominante – desde as posições iniciais e observando uma lição inteira de aula, raríssimas vezes invertem-se ou opõem-se planos espaciais ou corporais.

Em 1906, L.C. escreve na *Revista Kosmos*:

A capoeira não inutiliza unicamente o adversário pelos seus golpes; inutiliza-o também, e pior, pelo ridículo. O capoeira não luta em silêncio; luta usando sempre o seu calão que troça, achincalha, exaspera ridiculariza o contendor. [...] Um vencido pelo capoeira em lugar público, nunca pode sair dignamente vencido, porque a sua derrota provoca sempre a gargalhada (L. C., 1906).

O jogo de capoeira é, ainda, a alegoria do jogo político das classes populares. Sem atacar diretamente o poder, mas invertendo a seta do vetor, como se, para enfrentar as forças visíveis do poder, precisasse tornar-se transparente, velar-se, rindo dele, para não se acabar nele. Para sobreviver, é preciso muita acrobacia, a qual permite sair do golpe, como igualmente há a chance de espatifar-se. O que cai por terra, além do adversário, é o aparente poder dos poderosos.

Com a ginástica, nada cai. Não há vencedores nem vencidos. Não há funambulismo, posto que justamente essa gestualidade é inimiga da ginástica racio-

nal. Todos juntos executam os mesmos exercícios, abaixo da mesma ordem unida, no mesmo ritmo.

Quanto ao poder, desnecessário dizer: ele não só é elevado como celebrado no corpo do ginasta. A ginástica sueca é uma “encomenda” do poder, um presente que a elite pode dar ao homem comum, para que ele se torne um igual a ela: cidadão, bom, limpo e forte.

Ao contrário, o jogo de capoeira nos remete à eterna barganha que o homem comum trava com o poder – negocia-se, diuturnamente, a possibilidade de ser dono de si, de seu corpo, de fazer dele e com ele o que bem entender, numa silenciosa linguagem: “meu corpo não será lugar de suas inscrições”.

A ginástica é também uma virtude religiosa. Privilegiando o plano alto, é quase como uma benção ao “que vem dos céus”. Traz, portanto, uma concepção religiosa, que situa no alto, no céu, o sagrado. O capoeirista entra na roda quase se arrastando, benzendo-se, toca o chão. É da terra que brota o sagrado.

O capoeirista entra no seu “mundo” em posição invertida, com as mãos tocando o solo, como quem se contamina de energia sagrada. O movimento é orientado para o inferno. Orientação para baixo que está presente no próprio significado da palavra capoeira – mato rasteiro.

Ao mesmo tempo, o chão (e também o baixo corporal) é sinônimo de fertilidade. Carrega, portanto, um profundo sentido de continuidade, de reinvenção. Os movimentos não estão prontos, acabados, por que tampouco a história é assim. Pode-se ficar jogando capoeira por horas. Não há tempo determinado para cada sessão, como nas lições de Ling. O tempo, como não poderia deixar de ser, era um elemento importante para a ginástica racional e era controlado meticulosamente. Ressaltava-se a necessidade da parcimônia nos exercícios: antes praticar cotidianamente meia hora de lição do que sobrecarregar-se quatro vezes por semana.

E se a roda de capoeira representa a luta dos escravos com seus senhores, esse contínuo jogar reflete também uma profunda paciência e flexibilidade do homem para negociar sua liberdade.

Ao usar os pés, as mãos, a cabeça, o quadril, dando a eles outras funções além daquelas que deles se espera, o capoeirista realiza o que Bakhtin (1993) chama de “destronamento carnavalesco” – o uso inédito do material, longe da função que tem tradicionalmente. E é desse inédito que brota o riso, o achincalhamento, a alegria, primordiais na roda de capoeira.

Assim como se espera que o ginasta incorpore um modo de ser aprendido nas lições de ginástica sueca, também o capoeirista aprende um jeito de ser, revelado nos seus hábitos cotidianos, no seu comportamento, no seu jeito de falar e

também numa inequívoca forma oscilante de andar. O homem capoeirista incorpora a ginga no seu caminhar, poderíamos dizer como Mello Moraes Filho (1893/1979), que esse homem não anda, ginga.

Há ainda um outro paralelo importante nos movimentos do capoeirista e do ginasta, também revelados nessa oposição. Enquanto um privilegia a estética da circularidade, o outro, a estética da retidão (Soares, 1988, p. 104-109). Os movimentos da ginástica são sempre muito retilíneos, muito tensos, estendidos, enquanto os movimentos da capoeira são arredondados, curvos, circulares. Metaforicamente, podem representar a própria circularidade, conforme proposto por Ginzburg (1987). Assim como a retidão pode representar a cultura de um povo, famoso por seu comportamento rígido.

Bastaria observar os pontos de vista anátomo-fisiológico, mecânico-biológico, higiênico, econômico e estético para que as autoridades do país simpatizassem com o método sueco e quisessem fazer dele um método presente no cotidiano da vida fluminense. A preferência de Rui Barbosa (e mais tarde também de Fernando Azevedo) pelo método sueco reside, entretanto, a meu ver, no ponto de vista pedagógico-moral-social. O principal fim pedagógico da ginástica sueca estava localizado na educação da atenção, no desenvolvimento da vontade – o que chamavam de energia moral.

A educação física, nesse sentido, não é um problema de higiene individual, mas de higiene social, intimamente ligado à atividade física, moral e intelectual. Robustecendo o físico e a moral do indivíduo, conseguia-se diminuir as inúmeras misérias sociais que assolavam a vida em sociedade, como a tuberculose, a sífilis, o alcoolismo e também o erotismo.

A capoeira e a dança eram atividades que, por suas características, faziam pulsar o erotismo, tinham um apelo corporal, resistiam ao econômico, ao utilitário, à independência dos músculos. Dança-se e joga-se capoeira por inteiro. Não há planejamento – os movimentos são pensados no “aqui e agora” e dependem do olhar, do toque ou do movimento do indivíduo com o qual se dança ou joga.

Por isso, essas atividades eram sinônimo de pavor: pavor do toque do corpo, pavor por não se ter controle das emoções – não se esquadrihava o corpo –, pavor do imprevisível e do que tirava a ordem das coisas. Pavor que Fernando de Azevedo (1960) deixa claro em suas palavras:

A capoeiragem é um violento exercício de agilidade, equilíbrio e força. Ela cria, como aliás todos os esportes, um tipo particular e inconfundível de ginasta. É o “Mandica da Praia”, reforçado e gibento, de andar oscilante que, lá se vê, estaria longe de evocar o Auriga de Delfos, e só poderia agradar a quem desconhece a força orgânica, as linhas estéticas, “o valor social do tipo escapulovertebral e sacro-abdominal, que constitui o cânone da bele-

za e da força grega e sueca". E conquanto se pudesse admiti-la como o melhor instrumento de defesa pessoal, sobre não ser feita de elegância como o boxe francês e ser, ao contrário, o mais desleal gênero de luta, não tem a dinâmica precisa e equilibrada do jiu-jitsu, em que os japoneses encontraram a maravilhosa arte de dominar o adversário, infligindo-lhe uma dor de intensidade excessiva, por meio de desdobramento de força mínima [...].

A ginástica sueca, considerada, então, como base fundamental para a educação, por atingir o homem integralmente – atuando higienicamente em sua vida, como também preparando-o para suas ocupações sociais –, vai ser a mais recomendada nos discursos pedagógicos brasileiros, com base na crença de que a “virtude cívica” poderia ser auxiliada por essa prática.

Até porque parecia ser muito comum no Rio de Janeiro a atitude de não reconhecimento do “superior”. É conhecida a dificuldade de estudar o povo fluminense, seus hábitos e seus comportamentos por intermédio das leis existentes num dado período. Essa dificuldade se dá, principalmente, pela constatação de que o povo dessa cidade era famoso justamente pela burla das leis e das autoridades.

Gente de corpo-lunar (“estranho, temido”) que resiste e contraria o corpo-solar (“nobre, guerreiro”)⁸. Gente que, sendo lunar, resiste ao mundo de pés no chão, bípede, vertical. Homens cujos corpos rejeitam a ética sueca, talvez mesmo sem tê-la conhecido. Corpos de homens que rejeitam a moral, a pedagogia e a higiene que essa ética solar carrega.

Cabe, portanto, pensar no não-diálogo entre o corpo do homem comum no Rio de Janeiro e a ginástica sueca. Corpo-circular que rejeita a retidão, o equilíbrio e a simetria em que se assenta essa ginástica. Que rejeita a regularidade, o esquadramento, a segmentação do próprio corpo. Corpo-festeiro que rejeita a monotonia. Corpo-brincante que achincha. Que desconhece a anatomia, a fisiologia, a mecânica do próprio corpo, porque deste faz o que bem entender. Corpo-dissimulado que engana o poder, que aparentemente o tem controlado. Corpo que carrega forças contraditórias, que se prepara para o trabalho jogando. Corpo que deixa fluir outras práticas corporais: práticas que traduzem sua história e respeitam seu jeito de ser e, por isso, fluem.

8. Uso esses termos inspirada em Manuela Hasse (1999, p. 1344-1353).

Rio de Janeiro and the *fluminense* man's body: the "no-place" of the Swedish gymnastic

ABSTRACT: The current study presupposes that the Swedish gymnastic was not hegemonic in the routine of Rio de Janeiro in the nineties. So, we started to search for the reasons that leded the fluminense man's body to reject this body practice. This rejection turned Rio de Janeiro into the "no-place" of gymnastic. As we look at the fluminense man's body we find an incompatible "soul" with the rules of a rational gymnastic that idealized and scrutinized the bodies. To better understand this rejection, we had a dialogue with the capoeira, a practice disseminated and loved by the common man. In this dialogue we looked for elements to understand the corporeal grammar of the fluminense man's body. It allowed us to understand, in a sensitive level, why the Swedish gymnastic was not accepted by men of that city.

KEY-WORDS: Body; gymnastic; Rio de Janeiro.

Río de Janeiro y el cuerpo del hombre *fluminense*: el "no-lugar" de la gimnasia sueca

RESUMEN: El presente estudio parte del presupuesto que la gimnasia sueca no fue hegemónica en el cotidiano de Río de Janeiro durante el siglo XIX. Se trató, entonces, de buscar los motivos que llevaron al cuerpo del hombre fluminense a rechazar esa práctica corporal, convirtiendo así a Río de Janeiro en un lugar no apto para esta gimnasia. Al mirar para el cuerpo del hombre fluminense se encontró en el un alma incompatible con los preceptos de una gimnasia racional, que idealizaba y examinaba minuciosamente los cuerpos. Para mejor visualizar este rechazo, se dialogó con la capoeira, práctica diseminada y adorada por el hombre común. Se buscó, en ese diálogo, elementos para comprender la gramática corporal del cuerpo masculino fluminense permitiendo entender, en el plano sensitivo, porqué la gimnasia sueca no manó en ese cuerpo.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo; gimnasia; Río de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ARANTES, O. *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: EDUSP, s/d.

AZEVEDO, F. de. *Da educação física*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BAKHTIN, MIKHAIL. (VOLOSHINOV, V. M.). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBOSA, R. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1946, v. 10, t. 2.

COELHO, L. F. *A ginástica sueca*. Livraria Magalhães e Muniz. Portugal: Editora Porto, 1907.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HASSE, M. *O corpo solar: A ginástica sueca e a construção social do corpo europeu*. In: CONBRACE, n. 11. Anais. Florianópolis, p.1344-1353, 1999, set.

LABBÉ, M. (Org.). *Traité d'éducation physique*. Paris: Gaston Doin, 1930, 2 vols.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. *Teoria general de la gimnasia*. 2. ed. Buenos Aires: Stadium, 1986.

L. C. A capoeira. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, mar. 1906.

MORAIS FILHO, M. Capoeiragem e capoeiras célebres. *Festas e tradições populares*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1893/1979.

MORENO, A. *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro – mosaico de imagens e textos*, 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

_____. Terpsícore: da carne e da alma fluminense. In: SOARES, C. L. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 131-144.

PEREIRA, C. F. M. *Tratado de educação física, problema pedagógico e histórico*. Lisboa: Bertrand, s/d., v. 1.

SOARES, C. F. Imagens da retidão: estudo do movimento controle do gesto. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, n. 6. Anais... Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, dez. 1988, p. 104-109.

Recebido: 26 fev. 2003

Aprovado: 18 abr. 2003

Endereço para correspondência
Departamento de Educação Física
Universidade Federal de Viçosa
Viçosa – Minas Gerais
CEP 36571-000